

A UTILIZAÇÃO DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NA SAÚDE MENTAL DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ÉNFASE NA MUSICOTERAPIA E EQUOTERAPIA

THE USE OF INTEGRATIVE AND COMPLEMENTARY PRACTICES IN THE MENTAL HEALTH OF PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: EMPHASIS ON MUSIC THERAPY AND EQUINE THERAPY

EL USO DE PRÁCTICAS INTEGRATIVAS Y COMPLEMENTARIAS EN LA SALUD MENTAL DE PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: ÉNFASIS EN LA MUSICOTERAPIA Y LA EQUINOTERAPIA

 <https://doi.org/10.56238/arev8n2-050>

Data de submissão: 10/01/2026

Data de publicação: 10/02/2026

Micheli Azevedo Chaves

Graduanda em enfermagem

Instituição: Universidade São Judas Tadeu

E-mail: Michavessp@gmail.com

Daniely Sobreira de Almeida

Graduanda em enfermagem

Instituição: Universidade São Judas Tadeu

E-mail: Danysobreira06@gmail.com

Ana Carolina Dias de Oliveira

Graduanda em enfermagem

Instituição: Universidade São Judas Tadeu

E-mail: anadiasdeoliveira03@gmail.com

Alexandre Theodoro Junior

Graduando em enfermagem

Instituição: Universidade São Judas Tadeu

E-mail: juniortheodorofilho65@gmail.com

Hercules Ferreira Carvalho de Oliveira

Mestre em Ciências

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Universidade São Judas

E-mail: prof.herculesribeiro@ulife.com.br

Fabiana Lopes Pereira Santana

Doutora em Ciências

Instituição: Universidade de São Paulo (USP), Universidade São Judas Tadeu

E-mail: fabiana.santana@ulife.com.br

Leandro Ribeiro da Conceição

Doutor em Ciências da Saúde

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Universidade São Judas Tadeu

Aline Coelho Quezadas

Doutora em Ciências

Instituição: Universidade de São Paulo (USP), Universidade São Judas Tadeu (USJT)

E-mail: Aline.quezadas@usjt.br

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que compromete, em diferentes graus, as habilidades de comunicação, interação social e comportamento. Trata-se de um espectro vasto e complexo, que se manifesta de maneira singular em cada indivíduo, sendo marcado por padrões de comportamento repetitivos, interesses restritos e dificuldades de adaptação ao convívio social. Objetivo: Analisar a contribuição das Práticas Integrativas e Complementares na saúde mental de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, com ênfase na musicoterapia e na equoterapia, evidenciando o papel da enfermagem na aplicação dessas terapias. Método: Este estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura sistemática, com abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. A escolha por esse delineamento se justifica pela intenção de reunir, analisar e discutir evidências científicas disponíveis na literatura sobre a aplicação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), especialmente a musicoterapia e a equoterapia, no cuidado à saúde mental de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Resultados e discussão: A análise dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica permitiu evidenciar que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige uma abordagem terapêutica multifacetada, na qual a combinação entre práticas biomédicas e terapias integrativas mostra-se altamente promissora na promoção da qualidade de vida e na redução dos sintomas associados à condição. Conclusão: Em síntese, o estudo evidencia que o cuidado integral e humanizado, fundamentado na integração entre práticas biomédicas e integrativas, com a participação ativa da enfermagem e da família, constitui um modelo terapêutico promissor e indispensável para a melhoria dos desfechos clínicos e da qualidade de vida das pessoas com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Práticas Integrativas e Complementares. Neurodesenvolvimento. Comorbidades. Qualidade de Vida.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that impairs, to varying degrees, communication, social interaction, and behavioral skills. It is a vast and complex spectrum that manifests uniquely in each individual, marked by repetitive behavior patterns, restricted interests, and difficulties adapting to social life. Objective: To analyze the contribution of Integrative and Complementary Practices to the mental health of people with Autism Spectrum Disorder, with an emphasis on music therapy and equine therapy, highlighting the role of nursing in the application of these therapies. Method: This study is characterized as a systematic literature review, with a qualitative approach, of a descriptive and exploratory nature. The choice of this design is justified by the intention to gather, analyze, and discuss scientific evidence available in the literature on the application of Integrative and Complementary Health Practices (PICS), especially music therapy and equine therapy, in the mental health care of people with Autism Spectrum Disorder (ASD). Results and discussion: The analysis of the data obtained through the literature review revealed that Autism Spectrum Disorder (ASD) requires a multifaceted therapeutic approach, in which the combination of biomedical practices and integrative therapies shows great promise in promoting quality of life and reducing symptoms associated with the condition. Conclusion: In summary, the study shows that comprehensive and humanized care, based on the integration of biomedical and integrative practices, with the active participation of nursing and family, constitutes a promising and indispensable therapeutic model for improving clinical outcomes and quality of life for people with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Integrative and Complementary Practices. Neurodevelopment. Comorbidities. Quality of Life.

RESUMEN

El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición del neurodesarrollo que altera, en diversos grados, la comunicación, la interacción social y las habilidades conductuales. Es un espectro vasto y complejo que se manifiesta de forma única en cada individuo, marcado por patrones de comportamiento repetitivos, intereses restringidos y dificultades para adaptarse a la vida social. Objetivo: Analizar la contribución de las Prácticas Integrativas y Complementarias a la salud mental de las personas con Trastorno del Espectro Autista, con énfasis en la musicoterapia y la equinoterapia, destacando el papel de la enfermería en la aplicación de estas terapias. Método: Este estudio se caracteriza por ser una revisión sistemática de la literatura, con un enfoque cualitativo, de naturaleza descriptiva y exploratoria. La elección de este diseño se justifica por la intención de recopilar, analizar y discutir la evidencia científica disponible en la literatura sobre la aplicación de las Prácticas Integrativas y Complementarias de Salud (PICS), especialmente la musicoterapia y la equinoterapia, en el cuidado de la salud mental de las personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA). Resultados y discusión: El análisis de los datos obtenidos mediante la revisión bibliográfica reveló que el Trastorno del Espectro Autista (TEA) requiere un enfoque terapéutico multifacético, en el que la combinación de prácticas biomédicas y terapias integrativas resulta muy prometedora para promover la calidad de vida y reducir los síntomas asociados a la enfermedad. Conclusión: En resumen, el estudio demuestra que la atención integral y humanizada, basada en la integración de prácticas biomédicas e integrativas, con la participación activa de enfermería y familia, constituye un modelo terapéutico prometedor e indispensable para mejorar los resultados clínicos y la calidad de vida de las personas con TEA.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Prácticas Integrativas y Complementarias. Neurodesarrollo. Comorbilidades. Calidad de Vida.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que compromete, em diferentes graus, as habilidades de comunicação, interação social e comportamento. Trata-se de um espectro vasto e complexo, que se manifesta de maneira singular em cada indivíduo, sendo marcado por padrões de comportamento repetitivos, interesses restritos e dificuldades de adaptação ao convívio social. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), estima-se que uma em cada cem crianças em todo o mundo esteja no espectro autista, o que reforça a relevância do tema para os sistemas de saúde, educação e assistência social. Em função dessa complexidade, o atendimento à pessoa com autismo requer intervenções diversificadas, contínuas e interdisciplinares, que considerem as necessidades físicas, emocionais, sociais e cognitivas do sujeito.

Tradicionalmente, o tratamento das pessoas com TEA é composto por múltiplas abordagens, sendo a terapia medicamentosa uma das mais conhecidas. Os medicamentos são amplamente utilizados no manejo de sintomas secundários, como agressividade, irritabilidade, hiperatividade, ansiedade, distúrbios do sono e dificuldades de concentração. Substâncias como a risperidona e o aripiprazol, por exemplo, são frequentemente prescritas para o controle de sintomas comportamentais mais severos (APA, 2021). Apesar de sua eficácia em diversos casos, é necessário destacar que o uso de fármacos não atua diretamente sobre os fatores centrais do autismo, como os déficits de comunicação e socialização, exigindo, portanto, o suporte de outras estratégias terapêuticas que promovam o desenvolvimento integral do indivíduo.

Nesse contexto, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) vêm sendo reconhecidas como recursos importantes no cuidado às pessoas com TEA. Institucionalizadas no Brasil pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) desde 2006, essas terapias incluem uma ampla variedade de métodos baseados em sistemas médicos tradicionais e saberes populares, que buscam a promoção da saúde de forma integral e humanizada. Entre as PICS mais utilizadas na atenção à saúde mental destacam-se a musicoterapia e a equoterapia, que se mostram especialmente promissoras no atendimento a crianças e adolescentes com transtornos do espectro autista.

A musicoterapia utiliza os elementos da música – ritmo, melodia, harmonia e som – como ferramentas terapêuticas para promover melhorias na comunicação, na expressão emocional e na interação social. Estudos apontam que, ao participar de sessões musicais estruturadas, pessoas com autismo conseguem desenvolver habilidades de escuta, atenção, iniciativa comunicativa e respostas emocionais mais organizadas (Gold Et Al., 2017). Além disso, a música pode estimular áreas

cerebrais relacionadas à linguagem, à motricidade e à afetividade, o que contribui para o fortalecimento de conexões neurais e para o alívio de tensões internas.

A equoterapia, por sua vez, é uma abordagem terapêutica que utiliza o cavalo como agente promotor da saúde física, emocional, sensorial e relacional. Ao montar o cavalo, o praticante com TEA é exposto a estímulos motores tridimensionais, que favorecem o equilíbrio, a coordenação e o tônus muscular. Ao mesmo tempo, o vínculo afetivo com o animal e o contato com a natureza geram efeitos positivos sobre o humor, a autoestima e o controle emocional. De acordo com estudos na área, crianças autistas que participam de programas de equoterapia apresentam avanços significativos na linguagem expressiva, na capacidade de atenção e na redução de comportamentos agressivos ou auto estimulativos (Silva Et Al., 2021).

A presença do enfermeiro nesse processo terapêutico é essencial. Como profissional que acompanha de forma contínua o cuidado em saúde mental, o enfermeiro atua não apenas na administração de medicamentos, mas também na promoção de práticas educativas e humanizadas que contribuem para o bem-estar integral do paciente. A utilização das PICS no cotidiano da enfermagem representa uma oportunidade para expandir os horizontes do cuidado, valorizando o sujeito em sua totalidade e respeitando as suas singularidades, crenças e necessidades. Nesse sentido, integrar terapias como a musicoterapia e a equoterapia ao plano terapêutico da enfermagem pode representar um avanço significativo na qualidade da assistência prestada à pessoa com autismo.

A problemática central deste estudo reside na necessidade de ampliar as abordagens terapêuticas voltadas à saúde mental das pessoas com TEA, ultrapassando os limites da medicalização e considerando alternativas complementares eficazes, seguras e humanizadas. Embora haja evidências crescentes sobre os benefícios das PICS, ainda há uma carência de estudos sistematizados que correlacionem essas práticas com os cuidados em saúde mental no contexto do autismo, especialmente sob a ótica da enfermagem.

Justifica-se, portanto, a realização desta pesquisa pela urgência de consolidar conhecimentos que subsidiem práticas de cuidado mais abrangentes e centradas no indivíduo, considerando que o TEA exige respostas terapêuticas múltiplas, adaptáveis e sensíveis à complexidade do transtorno. A valorização das PICS como ferramentas terapêuticas na saúde mental representa não apenas uma inovação clínica, mas também um fortalecimento do paradigma do cuidado integral no Sistema Único de Saúde (SUS).

A hipótese que norteia este trabalho é a de que a incorporação da musicoterapia e da equoterapia no tratamento de pessoas com TEA, aliada ao acompanhamento da equipe de

enfermagem, pode favorecer melhorias significativas na saúde mental desses indivíduos, contribuindo para sua autonomia, qualidade de vida e inclusão social.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a contribuição das Práticas Integrativas e Complementares na saúde mental de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, com ênfase na musicoterapia e na equoterapia, evidenciando o papel da enfermagem na aplicação dessas terapias. Como objetivos específicos, busca-se: compreender os fundamentos e benefícios das PICS na saúde mental; investigar a eficácia da musicoterapia e da equoterapia na melhoria de aspectos cognitivos, emocionais e sociais de indivíduos com TEA; e refletir sobre as possibilidades de inserção dessas práticas no contexto do cuidado de enfermagem.

2 MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura sistemática, com abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. A escolha por esse delineamento se justifica pela intenção de reunir, analisar e discutir evidências científicas disponíveis na literatura sobre a aplicação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), especialmente a musicoterapia e a equoterapia, no cuidado à saúde mental de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A coleta de dados foi realizada por meio de busca em bases de dados eletrônicas de livre acesso e relevância científica reconhecida, tais como SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PubMed (U.S. National Library of Medicine) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Utilizaram-se os seguintes descritores e palavras-chave, combinados por operadores booleanos (AND e OR), em português e inglês: “Transtorno do Espectro Autista”, “Autismo”, “Práticas Integrativas e Complementares”, “PICS”, “Musicoterapia”, “Equoterapia”, “Terapias Complementares” e “Saúde Mental”.

Foram incluídos artigos publicados nos últimos dez anos, com recorte temporal de 2015 a 2025, redigidos nos idiomas português, inglês ou espanhol, que apresentassem discussões, resultados ou análises relacionadas à eficácia das terapias integrativas na saúde mental de indivíduos com TEA. Excluíram-se trabalhos duplicados, relatos de experiência isolados sem embasamento teórico, dissertações, teses e artigos que não apresentavam dados relevantes à temática investigada.

A análise dos dados se deu por meio da leitura criteriosa dos textos selecionados, com posterior categorização dos conteúdos conforme as temáticas centrais: efeitos da musicoterapia, impactos da equoterapia, abordagens complementares à terapia medicamentosa e a atuação da enfermagem no cuidado integrativo em saúde mental. A síntese dos resultados foi organizada de

forma descritiva, respeitando os critérios de fidelidade às fontes, coerência temática e clareza científica.

É importante ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não foram envolvidos seres humanos nem realizada coleta de dados primários, o que dispensa submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A análise dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica permitiu evidenciar que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige uma abordagem terapêutica multifacetada, na qual a combinação entre práticas biomédicas e terapias integrativas mostra-se altamente promissora na promoção da qualidade de vida e na redução dos sintomas associados à condição. As evidências encontradas reforçam a importância de intervenções personalizadas e contínuas, que considerem não apenas os aspectos comportamentais e neurológicos do autismo, mas também o bem-estar emocional, social e físico do indivíduo.

Os estudos indicam que a farmacoterapia, embora limitada ao controle de sintomas secundários, tem desempenhado papel relevante no manejo clínico do TEA, sobretudo nos casos em que há comportamentos disruptivos, irritabilidade, distúrbios do sono ou comorbidades psiquiátricas, como ansiedade e TDAH (COUTO et al., 2023). A risperidona e o aripiprazol, por exemplo, continuam sendo os fármacos de escolha para a redução da agressividade em crianças com TEA, conforme aprovação da FDA. No entanto, há consenso na literatura quanto à necessidade de monitoramento constante dos efeitos adversos e à inclusão de estratégias não farmacológicas para alcançar melhores desfechos terapêuticos (SANTOS; MENEZES, 2022).

Nesse sentido, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) emergem como ferramentas valiosas, capazes de atuar em dimensões que a medicina tradicional, por vezes, não alcança. A musicoterapia, por exemplo, tem se destacado por favorecer a comunicação não verbal, a autorregulação emocional e a interação social, especialmente em crianças não oralizadas. Pesquisas recentes apontam que a musicoterapia potencializa a neuroplasticidade cerebral e pode até mesmo melhorar a linguagem expressiva em alguns casos (OLIVEIRA et al., 2023). Além disso, a criação de um ambiente sonoro estruturado, mediado por um profissional qualificado, proporciona segurança, previsibilidade e estímulo sensorial controlado, fatores essenciais no atendimento ao público autista.

A equoterapia também se revelou como uma intervenção de destaque. Os movimentos rítmicos e tridimensionais do cavalo favorecem o desenvolvimento motor, a percepção corporal e a capacidade de concentração do paciente, promovendo um estado de relaxamento que facilita o

vínculo interpessoal e a aprendizagem. Dados recentes mostram que crianças com autismo submetidas à equoterapia apresentaram melhora significativa em comportamentos adaptativos e habilidades de socialização, além de redução na ansiedade e nas estereotipias (FERREIRA et al., 2022). O ambiente natural em que a terapia ocorre contribui ainda para a redução dos estímulos estressores do cotidiano e para o fortalecimento do vínculo com os cuidadores, reforçando a importância do contexto terapêutico ampliado.

A integração dessas práticas ao cuidado de enfermagem se mostrou uma estratégia eficiente na atenção integral ao indivíduo com TEA. O enfermeiro, por sua formação generalista e visão holística do cuidado, atua como articulador entre diferentes saberes e práticas, favorecendo o diálogo entre o modelo biomédico e o cuidado centrado no sujeito. A literatura aponta que, ao incorporar as PICS à sua rotina, o profissional de enfermagem contribui para um cuidado mais humanizado e individualizado, respeitando as singularidades de cada paciente (LOPES et al., 2021). A escuta qualificada, a observação clínica atenta e a mediação entre a família e a equipe multiprofissional são elementos-chave da prática da enfermagem na saúde mental e no acompanhamento de pessoas com autismo.

Outro aspecto importante identificado nos resultados foi a valorização da participação da família nos processos terapêuticos. As práticas integrativas tendem a envolver não apenas o paciente, mas também seus cuidadores, fortalecendo os vínculos afetivos, promovendo maior adesão ao tratamento e ampliando a rede de apoio. Segundo Andrade e Silva (2023), o envolvimento familiar é um fator protetivo relevante, capaz de reduzir o estresse parental e melhorar os indicadores de desenvolvimento da criança com TEA. Nesse contexto, o papel da enfermagem na orientação e suporte contínuo à família torna-se indispensável.

Adicionalmente, os achados demonstraram que, embora o uso das PICS ainda enfrente resistências e desafios de institucionalização em algumas unidades de saúde, sua eficácia terapêutica tem sido cada vez mais reconhecida. A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) contribuiu para essa valorização, permitindo maior acesso da população às terapias integrativas no Sistema Único de Saúde e incentivando a capacitação dos profissionais da saúde para sua implementação adequada (BRASIL, 2021).

Dessa forma, os resultados obtidos indicam que a inclusão das PICS no cuidado ao paciente com TEA, quando bem orientada e integrada a outras abordagens terapêuticas, oferece benefícios importantes na evolução do quadro clínico e na promoção da qualidade de vida. A atuação da enfermagem, nesse contexto, é essencial para garantir a segurança, o acolhimento e a continuidade

do cuidado, consolidando-se como um elo entre os diferentes saberes que compõem o cuidado integral em saúde mental.

Ademais, é imprescindível considerar a relevância do acompanhamento interdisciplinar na efetivação do cuidado integral ao paciente com TEA, que envolve profissionais de diversas áreas da saúde, como psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, além da enfermagem. Essa integração permite uma visão mais abrangente do indivíduo, contemplando suas necessidades específicas e adaptando as intervenções de acordo com as respostas observadas (CARVALHO; PEREIRA, 2023). A complementaridade entre as terapias convencionais e as PICS fortalece o processo terapêutico, potencializando resultados e promovendo o desenvolvimento de competências socioemocionais e funcionais.

No âmbito da enfermagem, destaca-se a importância do conhecimento científico aliado à sensibilidade para o reconhecimento das particularidades do espectro autista. Autores recentes enfatizam que a formação continuada dos profissionais é crucial para a implementação eficaz das PICS, garantindo que as intervenções sejam aplicadas de forma segura, ética e baseada em evidências (SILVA et al., 2022). O preparo do enfermeiro inclui ainda a habilidade para identificar sinais precoces de agravamento clínico ou dificuldades de adaptação, possibilitando intervenções rápidas e adequadas, que minimizem impactos negativos na saúde do paciente.

Outro ponto que merece destaque é o papel da educação em saúde para famílias e cuidadores, que constitui uma estratégia fundamental para o sucesso terapêutico. A participação ativa da família na rotina das práticas integrativas favorece a continuidade das intervenções no ambiente domiciliar, potencializando seus efeitos e promovendo maior autonomia para o cuidado (MARTINS; LIMA, 2024). A literatura reforça que essa parceria entre equipe de saúde e familiares contribui para a redução da sobrecarga e do estresse familiar, aspectos frequentemente associados ao manejo do TEA.

Além disso, evidências recentes indicam que a incorporação de tecnologias digitais no suporte às PICS tem ampliado as possibilidades de intervenção, facilitando o acesso a conteúdos educativos, a realização de sessões remotas e o monitoramento do progresso do paciente (RODRIGUES et al., 2023). Essa inovação, especialmente em contextos de restrição de mobilidade ou recursos, tem se mostrado uma alternativa eficaz para manter a continuidade do cuidado e ampliar a cobertura assistencial.

Por fim, ressalta-se que, embora as práticas integrativas representem um avanço importante no cuidado ao TEA, há necessidade de pesquisas contínuas que avaliem de forma rigorosa seus mecanismos de ação, eficácia e impactos a longo prazo. A construção de evidências sólidas permitirá o aprimoramento das políticas públicas e a maior inclusão dessas terapias nos protocolos clínicos,

garantindo que o cuidado integral oferecido seja cada vez mais qualificado, humanizado e centrado na singularidade de cada pessoa com autismo (ANDRADE; PONTES, 2023).

Assim, a revisão da literatura confirma que a integração entre práticas biomédicas e terapias integrativas, mediadas pela enfermagem e pela atuação multiprofissional, constitui uma abordagem promissora e necessária para a promoção da saúde e qualidade de vida das pessoas com TEA, abrindo caminhos para um modelo de cuidado mais inclusivo, ético e eficaz.

4 RESULTADOS

A análise dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica permitiu evidenciar que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige uma abordagem terapêutica multifacetada, na qual a combinação entre práticas biomédicas e terapias integrativas mostra-se altamente promissora na promoção da qualidade de vida e na redução dos sintomas associados à condição. As evidências encontradas reforçam a importância de intervenções personalizadas e contínuas, que considerem não apenas os aspectos comportamentais e neurológicos do autismo, mas também o bem-estar emocional, social e físico do indivíduo.

Tabela 1 – Artigos selecionados a partir da revisão integrativa utilizados neste estudo.

AUTORES/ ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	OBJETIVO	CONCLUSÃO
ANDRADE, J. M.; PONTES, C. L. S, 2023	Práticas integrativas e o cuidado em saúde mental: contribuições para a enfermagem.	Analizar como as práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) podem contribuir para o cuidado em saúde mental, destacando as implicações para a enfermagem.	Destaca a importância da integração das práticas integrativas e complementares (PICS) no cuidado em saúde mental, especialmente no contexto da enfermagem. Os autores enfatizam que essas práticas, como yoga, meditação e musicoterapia, oferecem abordagens holísticas que podem complementar os tratamentos convencionais, promovendo o bem-estar mental e físico dos pacientes.
SILVA, D. F. et al, 2021	Equoterapia como recurso terapêutico no autismo: uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Reabilitação.	Analizar os efeitos da equoterapia no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa buscou identificar evidências científicas sobre os benefícios dessa abordagem terapêutica, considerando aspectos motores, cognitivos e comportamentais.	Destaca que a equoterapia apresenta benefícios significativos para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os estudos analisados indicam melhorias em aspectos motores, como equilíbrio e coordenação, além de avanços na comunicação, comportamento e habilidades sociais.
SANTOS, A. C.; MENEZES, R. S, 2022	Uso de antipsicóticos no manejo do autismo: revisão integrativa. Revista de Psicologia e Saúde Mental.	Analizar a utilização de antipsicóticos no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa busca avaliar a eficácia e segurança desses medicamentos, além de discutir os benefícios e potenciais efeitos adversos associados ao seu uso.	Destaca que os antipsicóticos, como risperidona e aripiprazol, apresentam eficácia no tratamento de sintomas específicos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), como agressividade, irritabilidade e comportamentos repetitivos.

GOLD, C. et al. 2017	Music therapy for people with autism spectrum disorder. Cochrane Database of Systematic Reviews.	Revisar os efeitos da musicoterapia em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa comparou os resultados de pessoas que receberam musicoterapia (ou musicoterapia associada ao cuidado padrão) com aqueles que receberam terapias semelhantes sem música (terapia placebo), cuidado padrão ou nenhum tratamento.	A musicoterapia provavelmente traz benefícios moderados para pessoas com Transtorno do Espectro Autista, especialmente em aspectos como habilidades sociais, comunicação não verbal, atenção conjunta, e qualidade do relacionamento com os pais. No entanto, os autores ressaltam a necessidade de mais estudos de alta qualidade para fortalecer a evidência.
COSTA, M. H. et al, 2022	A contribuição das práticas integrativas no desenvolvimento sensorial de crianças com autismo.	Objetivo investigar como as práticas integrativas influenciam o desenvolvimento sensorial de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).	O estudo evidenciou que abordagens como musicoterapia, arteterapia e técnicas de relaxamento contribuem para a melhoria da percepção sensorial, comunicação e comportamento dessas crianças. Os autores ressaltam a importância de integrar essas práticas ao tratamento convencional, visando uma abordagem terapêutica mais holística e eficaz.
LEAL, M. C. et al, 2022	O papel da enfermagem no uso de práticas integrativas: reflexões para o cuidado ampliado.	Analizar o papel da enfermagem na implementação das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no contexto da saúde.	O estudo enfatiza que a enfermagem, ao incorporar essas práticas, contribui para a ampliação do cuidado, respeitando as singularidades dos pacientes e fortalecendo os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Os autores ressaltam a importância da formação contínua dos profissionais de enfermagem para a implementação eficaz das PICS.
LIMA, F. T.; BARRETO, R. S, 2022	Desafios para a validação científica das práticas integrativas no SUS.	Objetivo analisar os desafios enfrentados na validação científica das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no Sistema Único de Saúde (SUS). Os autores discutem as dificuldades metodológicas, epistemológicas e políticas que impactam a implementação e avaliação dessas práticas no contexto da saúde pública brasileira.	Os autores identificam que a resistência de setores da comunidade científica, que demandam comprovação rigorosa por meio de métodos tradicionais, e a escassez de estudos de alta qualidade metodológica dificultam a aceitação plena das PICS. Além disso, apontam que a falta de consenso sobre os critérios de avaliação e a diversidade das práticas dificultam a padronização dos processos de validação.
MORAES, J. A. et al, 2024	. O papel do enfermeiro na mediação do cuidado integrativo ao autismo.	A pesquisa busca compreender como o enfermeiro pode atuar de forma integrada, considerando as especificidades do TEA e promovendo um cuidado que envolva tanto a criança quanto sua família.	Os autores enfatizam que o enfermeiro deve adotar uma abordagem holística, considerando as dimensões físicas, emocionais e sociais da criança e de sua família. Além disso, é fundamental que o enfermeiro atue como facilitador na comunicação entre a equipe multidisciplinar, garantindo a continuidade e a efetividade do cuidado. A pesquisa também ressalta a importância da formação contínua dos profissionais de enfermagem para que possam oferecer um cuidado de qualidade e adaptado às necessidades específicas de cada criança com TEA.

PEREIRA, M. J.; ALMEIDA, S. F, 2023	Práticas integrativas no SUS: experiências exitosas em municípios brasileiros.	Objetivo analisar experiências bem-sucedidas de implementação de Práticas Integrativas e Complementares (PICS) em municípios brasileiros, destacando os fatores que contribuíram para o sucesso dessas iniciativas no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS).	a implementação das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no Sistema Único de Saúde (SUS) tem mostrado resultados positivos em diversos municípios brasileiros. As experiências bem-sucedidas estão associadas a fatores como o apoio da gestão municipal, a capacitação dos profissionais de saúde e a participação ativa da comunidade. No entanto, os autores ressaltam que desafios como a falta de recursos financeiros, a resistência de alguns profissionais e a necessidade de maior articulação entre os diferentes níveis de gestão ainda precisam ser superados para consolidar as PICS como parte integrante do SUS.
--	--	---	--

Fonte: Autores.

Os estudos indicam que a farmacoterapia, embora limitada ao controle de sintomas secundários, tem desempenhado papel relevante no manejo clínico do TEA, sobretudo nos casos em que há comportamentos disruptivos, irritabilidade, distúrbios do sono ou comorbidades psiquiátricas, como ansiedade e TDAH (COUTO et al., 2023). A risperidona e o aripiprazol, por exemplo, continuam sendo os fármacos de escolha para a redução da agressividade em crianças com TEA, conforme aprovação da FDA. No entanto, há consenso na literatura quanto à necessidade de monitoramento constante dos efeitos adversos e à inclusão de estratégias não farmacológicas para alcançar melhores desfechos terapêuticos (SANTOS; MENEZES, 2022).

Nesse sentido, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) emergem como ferramentas valiosas, capazes de atuar em dimensões que a medicina tradicional, por vezes, não alcança. A musicoterapia, por exemplo, tem se destacado por favorecer a comunicação não verbal, a autorregulação emocional e a interação social, especialmente em crianças não oralizadas. Pesquisas recentes apontam que a musicoterapia potencializa a neuroplasticidade cerebral e pode até mesmo melhorar a linguagem expressiva em alguns casos (OLIVEIRA et al., 2023). Além disso, a criação de um ambiente sonoro estruturado, mediado por um profissional qualificado, proporciona segurança, previsibilidade e estímulo sensorial controlado, fatores essenciais no atendimento ao público autista.

A equoterapia também se revelou como uma intervenção de destaque. Os movimentos rítmicos e tridimensionais do cavalo favorecem o desenvolvimento motor, a percepção corporal e a capacidade de concentração do paciente, promovendo um estado de relaxamento que facilita o vínculo interpessoal e a aprendizagem. Dados recentes mostram que crianças com autismo submetidas à equoterapia apresentaram melhora significativa em comportamentos adaptativos e habilidades de socialização, além de redução na ansiedade e nas estereotipias (FERREIRA et al.,

2022). O ambiente natural em que a terapia ocorre contribui ainda para a redução dos estímulos estressores do cotidiano e para o fortalecimento do vínculo com os cuidadores, reforçando a importância do contexto terapêutico ampliado.

A integração dessas práticas ao cuidado de enfermagem se mostrou uma estratégia eficiente na atenção integral ao indivíduo com TEA. O enfermeiro, por sua formação generalista e visão holística do cuidado, atua como articulador entre diferentes saberes e práticas, favorecendo o diálogo entre o modelo biomédico e o cuidado centrado no sujeito. A literatura aponta que, ao incorporar as PICS à sua rotina, o profissional de enfermagem contribui para um cuidado mais humanizado e individualizado, respeitando as singularidades de cada paciente (LOPES et al., 2021). A escuta qualificada, a observação clínica atenta e a mediação entre a família e a equipe multiprofissional são elementos-chave da prática da enfermagem na saúde mental e no acompanhamento de pessoas com autismo.

Outro aspecto importante identificado nos resultados foi a valorização da participação da família nos processos terapêuticos. As práticas integrativas tendem a envolver não apenas o paciente, mas também seus cuidadores, fortalecendo os vínculos afetivos, promovendo maior adesão ao tratamento e ampliando a rede de apoio. Segundo Andrade e Silva (2023), o envolvimento familiar é um fator protetivo relevante, capaz de reduzir o estresse parental e melhorar os indicadores de desenvolvimento da criança com TEA. Nesse contexto, o papel da enfermagem na orientação e suporte contínuo à família torna-se indispensável.

Adicionalmente, os achados demonstraram que, embora o uso das PICS ainda enfrente resistências e desafios de institucionalização em algumas unidades de saúde, sua eficácia terapêutica tem sido cada vez mais reconhecida. A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) contribuiu para essa valorização, permitindo maior acesso da população às terapias integrativas no Sistema Único de Saúde e incentivando a capacitação dos profissionais da saúde para sua implementação adequada (BRASIL, 2021).

Dessa forma, os resultados obtidos indicam que a inclusão das PICS no cuidado ao paciente com TEA, quando bem orientada e integrada a outras abordagens terapêuticas, oferece benefícios importantes na evolução do quadro clínico e na promoção da qualidade de vida. A atuação da enfermagem, nesse contexto, é essencial para garantir a segurança, o acolhimento e a continuidade do cuidado, consolidando-se como um elo entre os diferentes saberes que compõem o cuidado integral em saúde mental.

Além dos efeitos diretos no comportamento e desenvolvimento das crianças com TEA, os resultados da análise bibliográfica evidenciam também um impacto positivo na saúde mental e

emocional das famílias envolvidas. As Práticas Integrativas e Complementares, ao promoverem maior conexão entre corpo e mente, têm favorecido não apenas os pacientes, mas também seus cuidadores, que muitas vezes vivenciam níveis elevados de estresse e sobrecarga emocional. Atividades como meditação, aromaterapia e técnicas de respiração consciente têm sido utilizadas com sucesso tanto em pacientes quanto em familiares, contribuindo para a regulação emocional e redução de estados ansiosos (FREITAS; SOUSA, 2022).

Observou-se ainda que, quando há integração efetiva entre profissionais de saúde, escolas e famílias, os efeitos das terapias integrativas são potencializados. A presença de enfermeiros capacitados para atuar com abordagens complementares é um fator decisivo para o sucesso dessas práticas, especialmente porque esses profissionais acompanham a rotina dos pacientes e possuem escuta ativa, habilidade essencial para detectar mudanças sutis no comportamento e nas reações emocionais das crianças (MORAES et al., 2023). O cuidado oferecido pelo enfermeiro vai além das intervenções técnicas; ele atua como facilitador do vínculo entre a criança e o ambiente de cuidado, promovendo segurança e estabilidade.

Nos casos em que as terapias integrativas foram incorporadas com frequência e regularidade à rotina da criança com TEA, a literatura apontou melhora na autorregulação, na qualidade do sono, na alimentação e na redução de episódios de autolesão. De acordo com Oliveira e Bastos (2022), essas melhorias não decorrem exclusivamente do uso de uma prática isolada, mas do conjunto de estímulos terapêuticos que atuam de forma integrada no bem-estar geral da criança. A criação de rotinas terapêuticas com PICS ajuda a estruturar o cotidiano e a criar previsibilidade — elementos que são fundamentais para pessoas com autismo, que muitas vezes apresentam dificuldades com mudanças inesperadas ou contextos novos.

Outro achado relevante foi a relação entre o uso das terapias integrativas e a melhoria das habilidades sensoriais. A integração sensorial é uma dificuldade comum entre crianças autistas, e práticas como a massoterapia, a acupuntura auricular e a estimulação tátil controlada têm contribuído significativamente para a dessensibilização e reorganização sensorial, tornando a criança mais tolerante ao toque, ao som e a outros estímulos ambientais (COSTA et al., 2022). Tais resultados demonstram que as PICS podem contribuir com terapias ocupacionais e comportamentais já instituídas, funcionando como suporte terapêutico complementar.

Também foi possível identificar que o uso das terapias integrativas ainda carece de regulamentação uniforme em muitos municípios, o que dificulta sua adoção em larga escala, especialmente na atenção primária à saúde. Muitos profissionais ainda não receberam formação adequada sobre o uso das PICS e sua aplicabilidade no TEA, o que limita o acesso da população a

essas práticas. Apesar disso, a ampliação da oferta no Sistema Único de Saúde tem permitido o surgimento de iniciativas locais que demonstram bons resultados. Projetos municipais de saúde que incluem musicoterapia, Reiki e práticas corporais integrativas, como o yoga adaptado, têm apresentado resultados positivos, principalmente quando há apoio intersetorial entre saúde, educação e assistência social (PEREIRA; ALMEIDA, 2023).

Por fim, os resultados apontam para a necessidade urgente de mais estudos clínicos controlados que analisem os efeitos das PICS no tratamento do TEA, pois ainda há escassez de evidências robustas com amostras amplas e acompanhamento longitudinal. No entanto, os relatos clínicos e os estudos qualitativos vêm mostrando uma tendência positiva e coerente quanto aos benefícios dessas práticas, sobretudo na melhora da qualidade de vida, no fortalecimento dos vínculos afetivos e no alívio de sintomas secundários ao transtorno.

Dessa forma, os resultados obtidos nesta pesquisa bibliográfica não apenas confirmam a eficácia de determinadas terapias integrativas no contexto do TEA, como também apontam para o papel transformador da enfermagem enquanto mediadora e cuidadora integral. A atuação do enfermeiro, com conhecimento técnico e sensibilidade, é imprescindível para garantir que essas práticas sejam utilizadas de maneira ética, segura e individualizada, assegurando à pessoa com autismo um cuidado mais humano, acessível e eficaz.

5 DISCUSSÃO

Os achados desta pesquisa bibliográfica revelam um cenário promissor quanto à inserção das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no contexto do cuidado a pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sobretudo quando mediadas pela atuação da enfermagem. Embora o uso dessas terapias ainda enfrente desafios quanto à padronização, aceitação e estruturação institucional, os dados coletados em diferentes estudos indicam que, quando utilizadas de forma criteriosa e integradas ao plano terapêutico, as PICS podem se constituir em estratégias valiosas no cuidado à criança com TEA, ampliando o olhar sobre o sujeito em sua totalidade física, emocional e social.

Ao discutir a efetividade dessas práticas, é imprescindível considerar a perspectiva ampliada de saúde preconizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que reconhece a saúde como resultado de múltiplos fatores e propõe abordagens que integrem a ciência biomédica com os saberes tradicionais e populares (BRASIL, 2018). Nesse contexto, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), instituída em 2006 e atualizada nos anos seguintes, legitima a inserção dessas terapias no SUS, especialmente na Atenção Básica, onde o enfermeiro possui papel central na assistência e coordenação do cuidado.

A atuação da enfermagem, nesse cenário, se destaca pela capacidade de promover o cuidado integral e contínuo, facilitando a escuta ativa, o acolhimento das famílias e o acompanhamento dos efeitos das terapias no cotidiano da criança. A literatura mostra que o enfermeiro, ao adotar as PICS, contribui para a humanização do cuidado, promove práticas menos medicalizantes e estabelece vínculos mais fortes com os usuários, o que é particularmente relevante no cuidado ao TEA, que exige paciência, sensibilidade e abordagem individualizada (SOUZA; MACHADO, 2022).

As evidências apontam que práticas como a musicoterapia, aromaterapia, massoterapia e Reiki são algumas das mais empregadas no cuidado a pessoas com TEA, por apresentarem efeitos positivos na modulação do comportamento, na redução da ansiedade, no estímulo à comunicação e na promoção do relaxamento (MARTINS; ALMEIDA, 2023). Tais intervenções, quando realizadas de forma contínua e adaptadas às características individuais do paciente, favorecem a interação social e contribuem para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sensoriais.

Contudo, o uso dessas terapias deve ser acompanhado de critérios éticos e técnicos rigorosos. Como ressaltam Vasconcelos e Corrêa (2021), é necessário que os profissionais da saúde estejam devidamente capacitados para aplicar as PICS, compreendendo não apenas seus fundamentos teóricos, mas também os limites e contra-indicações de cada prática. A atuação do enfermeiro exige conhecimento aprofundado sobre o funcionamento do TEA, bem como uma visão crítica sobre a aplicação das terapias alternativas no contexto clínico.

Outro aspecto discutido com frequência nos estudos analisados é a resistência ainda existente por parte de alguns profissionais e instituições à adoção das PICS. Muitas vezes, essas práticas são vistas com desconfiança, devido à escassez de evidências científicas de alta qualidade, como ensaios clínicos randomizados e estudos longitudinais. Apesar disso, autores como Lima e Barreto (2022) argumentam que a efetividade das PICS não pode ser medida apenas pelos padrões tradicionais da medicina ocidental, uma vez que seus benefícios estão frequentemente relacionados à subjetividade do cuidado, ao vínculo terapêutico e à percepção de bem-estar relatada pelos próprios pacientes e familiares.

A enfermagem, por sua natureza holística e centrada na pessoa, encontra nas PICS um campo fértil para ressignificar práticas e ampliar suas possibilidades de cuidado. Conforme destaca Leal et al. (2022), o enfermeiro, ao integrar saberes científicos com práticas tradicionais, fortalece a autonomia do paciente, valoriza a cultura local e promove o empoderamento da família no processo de cuidado. No caso do TEA, isso se reflete na redução do uso de psicofármacos, na maior adesão ao tratamento e na melhora da qualidade de vida de toda a rede de apoio à criança.

É importante destacar também que as práticas integrativas não devem substituir os tratamentos convencionais, como as terapias comportamentais, fonoaudiológicas e ocupacionais, mas sim atuar como suporte complementar, ampliando os horizontes terapêuticos e respeitando a complexidade do transtorno. A integração dessas abordagens, com base no diálogo entre as equipes multiprofissionais, é o que garante um cuidado mais efetivo e centrado nas necessidades reais da criança e de sua família.

Finalmente, a discussão dos resultados aponta para a necessidade de investimento em políticas públicas que promovam a formação continuada de profissionais de saúde em PICS, a inclusão dessas práticas nos currículos acadêmicos da enfermagem e a estruturação dos serviços de saúde para acolher e operacionalizar essas terapias de forma ética e segura. A consolidação das PICS como parte do cuidado cotidiano exige não apenas vontade política, mas também um compromisso ético com a promoção da saúde integral, inclusiva e humanizada.

6 CONCLUSÃO

A partir da análise detalhada da literatura atual, pode-se concluir que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) demanda uma abordagem terapêutica integrada e multidimensional, que ultrapasse o tratamento biomédico tradicional e incorpore práticas integrativas e complementares para atender às múltiplas necessidades dos indivíduos afetados. Os achados reforçam que a farmacoterapia, embora indispensável em certos contextos para controle de sintomas comportamentais específicos, apresenta limitações que são amplamente superadas pela combinação com intervenções como musicoterapia, equoterapia e outras práticas integrativas. Estas últimas demonstram ser eficazes na promoção do desenvolvimento motor, emocional, social e cognitivo, aspectos fundamentais para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com TEA.

Além disso, o papel da enfermagem se destaca como essencial para a mediação desse cuidado integral, atuando não apenas como executora de procedimentos, mas como articuladora da comunicação entre a equipe multiprofissional, o paciente e sua família. A enfermagem contribui para a humanização do cuidado, valorizando a escuta qualificada, o respeito às singularidades e o suporte contínuo, elementos que favorecem o vínculo terapêutico e a adesão aos tratamentos. Ressalta-se ainda a importância do envolvimento familiar, que, ao participar ativamente das práticas integrativas, fortalece a rede de apoio, reduz o estresse parental e potencializa os benefícios terapêuticos no cotidiano.

No contexto das políticas públicas, a implementação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) representa um avanço significativo, ampliando o acesso dessas intervenções e promovendo a capacitação dos profissionais de saúde. Contudo, desafios ainda

persistem, especialmente quanto à institucionalização das PICS e à necessidade de maior produção científica que valide suas práticas. Portanto, enfatiza-se a importância de pesquisas contínuas e rigorosas, que possibilitem o aprimoramento dos protocolos clínicos e assegurem a eficácia e segurança das intervenções, garantindo que o cuidado oferecido seja sempre centrado no paciente e suas particularidades.

Em síntese, o estudo evidencia que o cuidado integral e humanizado, fundamentado na integração entre práticas biomédicas e integrativas, com a participação ativa da enfermagem e da família, constitui um modelo terapêutico promissor e indispensável para a melhoria dos desfechos clínicos e da qualidade de vida das pessoas com TEA. Assim, a continuidade dos esforços na capacitação profissional, na pesquisa e na implementação de políticas públicas é imprescindível para consolidar essa abordagem e garantir o atendimento pleno às necessidades desse grupo populacional, promovendo inclusão, respeito e bem-estar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. M.; PONTES, C. L. S. Práticas integrativas e o cuidado em saúde mental: contribuições para a enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 76, n. 1, p. 1–8, 2023.

ANDRADE, R. F.; SILVA, E. S. Envolvimento familiar no cuidado de crianças com autismo: desafios e possibilidades. *Revista Saúde e Família*, v. 17, n. 2, p. 42–50, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: PNPI - implantação e implementação. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: necessidade de consolidação de políticas públicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

CARVALHO, L. R.; PEREIRA, J. F. Abordagem interdisciplinar no cuidado ao autismo: desafios na atenção primária. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 39, n. 5, p. 1–9, 2023.

COSTA, M. H. et al. A contribuição das práticas integrativas no desenvolvimento sensorial de crianças com autismo. *Revista Terapias Integrativas*, v. 12, n. 1, p. 33–40, 2022.

COUTO, T. M. et al. Uso de medicamentos antipsicóticos em crianças com TEA: uma revisão. *Jornal de Pediatria*, v. 99, n. 2, p. 142–150, 2023.

FERREIRA, A. P. et al. Equoterapia e autismo: impactos no comportamento e na socialização. *Revista Brasileira de Terapias Assistidas*, v. 8, n. 2, p. 65–74, 2022.

FREITAS, D. A.; SOUSA, P. L. Terapias integrativas na redução da ansiedade em familiares de crianças com TEA. *Revista Saúde & Bem-Estar*, v. 14, n. 3, p. 78–85, 2022.

GOLD, C. et al. Music therapy for people with autism spectrum disorder. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 2, p. CD004381, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1002/14651858.CD004381.pub3>.

LEAL, M. C. et al. O papel da enfermagem no uso de práticas integrativas: reflexões para o cuidado ampliado. *Enfermagem em Foco*, v. 13, n. 2, p. 89–95, 2022.

LIMA, F. T.; BARRETO, R. S. Desafios para a validação científica das práticas integrativas no SUS. *Revista de Políticas Públicas em Saúde*, v. 10, n. 1, p. 24–32, 2022.

LOPES, R. M. et al. A atuação do enfermeiro nas práticas integrativas e complementares: um olhar holístico. *Revista de Enfermagem Integrada*, v. 14, n. 4, p. 58–66, 2021.

MARTINS, C. A.; ALMEIDA, V. C. Musicoterapia e desenvolvimento infantil: contribuições para o cuidado em enfermagem. *Revista Ciência e Cuidado em Saúde*, v. 22, n. 1, p. 11–20, 2023.

MARTINS, F. R.; LIMA, S. A. Educação em saúde para cuidadores de crianças com TEA: importância da continuidade terapêutica. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 14, e4722, 2024.

MORAES, J. A. et al. O papel do enfermeiro na mediação do cuidado integrativo ao autismo. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 76, supl. 2, p. e20230110, 2023.

OLIVEIRA, L. M. et al. Efeitos da musicoterapia em crianças com TEA: uma revisão integrativa. Revista Interdisciplinar em Saúde Mental, v. 10, n. 1, p. 27–35, 2023.

OLIVEIRA, R. M.; BASTOS, A. C. Práticas integrativas na rotina de crianças autistas: avanços e desafios. Revista de Terapias Complementares, v. 9, n. 1, p. 101–108, 2022.

PEREIRA, M. J.; ALMEIDA, S. F. Brasileira de Saúde Coletiva, v. 28, n. 1, p. 76–84, 2023. Práticas integrativas no SUS: experiências exitosas em municípios brasileiros. Revista

RODRIGUES, E. F. et al. Tecnologias digitais no apoio às práticas integrativas: inovações no cuidado em saúde mental. Revista Saúde Digital, v. 6, n. 3, p. 45–54, 2023.

SANTOS, A. C.; MENEZES, R. S. Uso de antipsicóticos no manejo do autismo: revisão integrativa. Revista de Psicologia e Saúde Mental, v. 12, n. 2, p. 89–97, 2022.

SILVA, D. F. et al. Equoterapia como recurso terapêutico no autismo: uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Reabilitação, v. 29, n. 2, p. 120–129, 2021.

SILVA, M. R. et al. Formação de enfermeiros para atuação com práticas integrativas: um desafio atual. Revista Enfermagem Atual In Derme, v. 96, n. 36, p. 55–62, 2022.

SOUZA, M. F.; MACHADO, A. A. Humanização do cuidado no autismo: contribuições das práticas integrativas. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 75, supl. 1, p. e20220236, 2022.

VASCONCELOS, E. J.; CORRÊA, P. R. Práticas integrativas e ética no cuidado: reflexões para a enfermagem. Revista Bioética e Saúde, v. 8, n. 1, p. 14–22, 2021.